

NORONHA, Jurandyr (Jurandyr Passos Noronha, Juiz de Fora, 5.3.1916). Diretor. Sua família mudou-se para Três Rios e depois para a cidade do Rio de Janeiro, em 1922. Começou a cursar o Colégio Militar em 1927. Atraído pelo cinema, deixou incompleto o curso, passando a colaborar na imprensa especializada, como *Cinearte*, onde foi encarregado das seções “Cinema de Amadores” e “Cinema Educativo”. Trabalhou também para o jornal *A Vanguarda* e o semanário *Dom Casmurro*.

Foi assistente do técnico de som Tommy Olenewa na produtora Pan Filmes, em 1940. Em 1942 exerceu as funções de cinegrafista, redator e montador para as principais produtoras cariocas como a Cinédia, de Adhemar Gonzaga, Tupi Filmes e Filmes Artísticos Nacionais – FAN, de Alexandre Wulfes. Realizou vários números do *Cinédia Jornal* e *Cinédia Revista* e curtas-metragens para a lei do complemento nacional como *A evolução da arquitetura no Brasil*, *A evolução dos transportes no Brasil*, *Variações sobre a música popular*, *Evocação de Castro Alves*, *A mulher brasileira e a guerra* e *Bandeirantes do século XX*. Para o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP do Estado Novo (1937-1945) trabalhou como cinegrafista nos filmes *O esforço de guerra no Brasil*, *Minas antiga e moderna*, *A volta dos pracinhas* e *O 6º RI Expedicionário*.

Foi assistente de direção de Luís de Barros em *Berlim na batucada* e começou a direção de *Almas em tumulto*, que ficou inacabado (1949; afirma-se que teria sido remontado por Nilo Machado com o título de *Terra da perdição*, em 1962). Entre 1952 e 1954 foi diretor-técnico da produtora Kino Filmes, instalada em São Paulo, da qual Alberto Cavalcanti foi o diretor nas produções *O canto do mar* e *Mulher de verdade*.

Chamado por Humberto Mauro, passou a trabalhar no Instituto Nacional do Cinema Educativo – INCE em 1948, chegando a chefe da Seção de Adaptação do Serviço de Técnica Cinematográfica. Para Mauro sabe-se que dirigiu a fotografia de *Indústria farmacêutica no Brasil* (1948) e *Associação Cristã Feminina do Rio de Janeiro* (1955). Com a absorção do INCE pelo Instituto Nacional do Cinema – INC exerceu a diretoria da Divisão de Distribuição do Filme Educativo e Diafilmes. Com a extinção do INC, Noronha foi Chefe da Divisão de Pesquisa e História do Cinema Brasileiro da Embrafilme.

O diretor é mais conhecido pelo grande público pelas três antologias sobre o cinema brasileiro e, no meio cinematográfico, pela sua antiga preocupação com a preservação da memória cinematográfica brasileira. Desde os anos 1930 passou a garimpar objetos e filmes que formaram uma das melhores coleções particulares do país neste campo. Propôs, em 1969, ao INC, a organização de um Museu Nacional do Cinema com a exibição de mais de 60 peças entre câmeras Pathé, Éclair, Kinema, lanternas mágicas, cartazes, discos vitafone, fotos e roteiros de filmes. Incorporado à estrutura do INC em janeiro de 1971, ficou instalado provisoriamente na antiga sede do INCE, até que um acordo com a Fundação Nacional de Arte – FUNARTE deu ao Museu duas salas de exposição, em 1978. O Museu Nacional de Cinema não conseguiu se firmar no quadro institucional da Embrafilme. Retomado pelo diretor, chegou a ser posto a venda. Nesta mesma linha de preocupação com a memória cinematográfica foi que editou, em 1987, *No tempo da manivela*, uma história do cinema calcada em imagens de filmes e fotografias de época, com edição da sua produtora, a Kinart, em co-edição

da Editora Brasil-América - Ebal e Embrafilme. Para a Feira do Livro de Frankfurt, Alemanha, preparou, em 1994, a edição trilingüe de *Pioneiros do cinema brasileiro*, com edição da Câmara Brasileira do Livro (há uma versão também em CD-Rom).

A partir de 1968 começou a produção para o INC das coletâneas que tomaram por base o seu acervo, tendo a cooperação dos pesquisadores de imagens e documentaristas Júlio Heilbron e Eduardo Roegg. O primeiro da série foi o *Panorama do cinema brasileiro*. O segundo foi uma antologia dedicada exclusivamente aos artistas cômicos (*Cômicos... mais Cômicos*), lançado em 1971, com produção da Cine-Sul de Heilbron e Roegg, e parte do financiamento captado através da legislação de retenção do imposto de renda das distribuidoras estrangeiras, no caso a Pel-Mex. Em 1975 apareceu *70 anos de Brasil* (da Belle Époque aos nossos dias) também com produção da Cine-Sul, cujo título original era *60 anos de Brasil*.

Panorama apresenta, como diz o título uma visão histórica panorâmica sobre o cinema brasileiro, começando nos pioneiros, o José Medina de *Exemplo regenerador* (1919) até o Cinema Novo, sendo o ponto extremo *O padre e a moça*, de Joaquim Pedro de Andrade. A película mostra vários momentos do desenvolvimento técnico e estético como a entrada do câmara Edgard Brasil, a participação de Alberto Cavalcanti ou dos cineastas do Cinema Novo. A visão oficial do INC, principalmente do crítico Antonio Moniz Vianna, que assina a “supervisão” do filme, se mostra com o final triunfal de *O pagador de promessa*, de 1962, mais palatável do que os filmes do Cinema Novo. O crítico Carlos Alberto de Mattos notou que um dos problemas da antologia se localizou na escolha de uma cena de *Noite vazia* por Moniz Vianna (a relação amorosa entre Norma Benguell e Odete Lara). Na pré-estréia, a mulher do ministro da Educação e Cultura Tarso Dutra reclamou, e Jurandyr trocou a cena na versão final. Esta visão oficial seria criticada justamente por um cinemanovista, Gustavo Dahl, comentando que *70 anos de Brasil* “não arrisca nenhuma aproximação, nenhuma interpretação, nenhum compromisso. A pretexto de uma simplicidade objetiva o filme progride no tempo, de ano a ano, de década em década, exibindo não o que seria bom ver mas o que foi possível mostrar”.

O colecionador Jurandyr Noronha e a Kinart viraram ponto obrigatório de pesquisas. Entre as suas preciosidades consta o único material existente sobre o filme da diretora Carmen Santos, *Inconfidência mineira*, por exemplo. Cineastas como Sylvio Back se valeram do seu acervo ou do seu conhecimento para a realização de *Revolução de 30*, *Rádio auriverde* e *Yndio do Brasil*.

O último filme que realizou foi o curta-metragem *O cinegrafista de Rondon* (1979).

JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA

2 páginas, 954 palavras, 4919 caracteres, 83 linhas.

Filmografia: 1963, *A medida do tempo*, Brasil, cm; 1964, *O monumento*, Brasil, cm; 1965, *Uma alegria selvagem*, Brasil, cm; 1965, *Carmen Santos*, Brasil, cm; 1970, *Humberto Mauro*, Brasil, cm; 1970, *Panorama do cinema brasileiro*, Brasil, LM; 1971, *Cômicos... mais cômicos*, Brasil, LM; 1975, *70 anos de Brasil*, Brasil, LM; 1979, *O cinegrafista de Rondon*, Brasil, cm

Fontes: IMDB, Cinemateca Brasileira